

MANICA

Na primeira linha contra banditismo



Manica foi a primeira província a conhecer os actos criminosos dos bandidos armados. Hoje os seus habitantes também dão o exemplo, ao pegarem em armas para restabelecer a paz.

Sussundenga: Todos pegam em armas contra os bandidos armados



Lucas Faral Poeta: «O inimigo não se combate com farinha nem com cabritos»

A localidade situa-se numa elevação sobranceira a um extenso e fértil vale, nas margens do Rio Mussapa. Na linha do horizonte, a leste, a mancha verde-escura da cadeia ondulante de Chimanimani. A população de Muoha conquistou definitivamente um lugar honroso na história da luta pela paz.

Era um alvo preferido dos bandidos armados que faziam frequentemente incursões aos diversos bairros, descendo das montanhas vizinhas. A única casa de alvenaria que resistiu, o antigo edifício da administração do antigo «posto de Mavuzi» exibe inúmeros buracos de balas criminosas. As restantes casas — escola, residências dos funcionários, e casas da população — têm aspecto renovado ou estão ainda a ser reconstruídas.

Toda a população — homens, mulheres e crianças — está preparada militarmente. A maioria tem armas. Desde o início do ano que

se deixou de ouvir tiros nas redondezas. Antes de se armarem, os habitantes de Muoha viviam aterrorizados. Quando os bandidos armados atacavam, a população fugia para o mato. Mas logo a seguir regressava, iniciando imediatamente a reconstrução das suas casas incendiadas.

Agora fazemos paredes com tijolo, para desafiar o inimigo. Quanto mais queima, mais resistente se torna a casa», disse-nos um habitante.

O PRIMEIRO ALVO DOS BA'S

Foi no distrito de Sussundenga que se verificaram as primeiras acções de banditismo armado. No segundo semestre de 1976, em plena guerra de Smith, os primeiros grupos criados, treinados, armados e apoiados pelo exército rodesiano atravessaram a fronteira, na zona de Rotanda (cerca de 60 quilómetros da sede do distrito) e instalaram o seu primeiro

acampamento numa zona compreendida entre dois braços do Rio Mussapa.

Testemunhas locais afirmam que os primeiros grupos se apresentaram como combatentes pela «independência» de Moçambique. **Chegaram a comprar cana-de-açúcar a 500 escudos a unidade e galinhas a mil, dizendo: «Estão a ver? A Frelimo não é capaz de vos dar tanto»,** recorda Alberto Handissene Matukuta, de 44 anos, natural de Muoha. E acrescenta: **Mas pouco depois, eles já nos roubavam farinha, queimavam as nossas casas e raptavam as nossas mulheres e filhos.**

O primeiro acto de guerra dos bandidos armados foi a colocação de minas na estrada Rotanda-Sussundenga, que provocaram a destruição de um tractor e uma viatura da Polícia.

Inicialmente — recorda Alberto Manuel Sarande, Primeiro-Secretário do Partido Frelimo e Administrador de Sussundenga (que

se encontrava na altura na zona, em missão partidária) — não sabíamos que se tratava de bandidos armados, uma vez que estávamos a ser vítimas das agressões rodesianas. Mas depois, a natureza marcadamente terrorista das suas acções, a sua fraca preparação militar e a sua apresentação andrajosa acabaram por distingui-los das forças armadas da Rodésia do Sul.

Na altura, além de serem «destacamentos avançados» do exército rodesiano, ou seja aqueles que recolhiam informações para prepararem as suas agressões ao nosso país, os bandidos também eram apoiados pelas forças de Smith quando não conseguiam realizar algum objectivo. Foi o que aconteceu em Dezembro de 1977, em Rotanda. Depois de várias tentativas de assalto frustra-

das por parte dos bandidos armados, estes solicitaram o apoio do exército de Smith que conseguiu invadir a localidade, assassinando várias pessoas, destruindo edifícios públicos e minando habitações.

TER OU NÃO TER ARMA

Durante os anos de 1976, 1977 e 1978, segundo fontes militares, os bandidos dedicaram-se essencialmente a queimar aldeias comunais, a assassinar e mutilar cidadãos indefesos, a raptar jovens, em suma a provocar o pânico no seio da população. A partir de 1978 intensificaram essas acções, alargando-as a alvos económicos.

Foi o que sucedeu há seis anos com a invasão da sede da empresa agrícola de Sussundenga, a 17 quilómetros da sede do distrito.

Uma noite, um grupo armado apareceu de surpresa, dirigiu-se à residência de um técnico estrangeiro, assassinando-o à queima-roupa assim como à sua esposa. Não havia nenhuma força armada no local, e os trabalhadores que não puderam fugir foram raptados. A alguns quilómetros daí, na aldeia comunal de Chimbuha, outro grupo armado assaltou uma loja, cortou as orelhas ao comerciante e espancou a esposa, roubando-lhes não só a mercadoria como todos os seus haveres pessoais, incluindo a roupa que traziam vestida.

Quando o inimigo chegou a Muoha, pela primeira vez, em 1980, tivemos de nos dispersar, porque não estávamos armados. Vivíamos no mato, sem sabermos o que fazer, conta Lucas Farai Poeta; de 35 anos, miliciano.

E acrescenta: Depois, pensá-



Antigo edifício da Administração de Muoha baleado pelos bandidos armados; A população jura que estes crimes não se repetirão



As novas construções são feitas em tijolo para desafio aos bandidos armados



Alberto Manuel Sarande, 1.º Secretário e Administrador de Sussundenga: «O inimigo fez-nos passar por muitas classes»

mos: Temos aqui as nossas galinhas, cabritos, machambas. O peixe, lá em baixo, no rio. Nós somos muitos, temos filhos. Que tal se escolhêssemos alguns de nós

para receberem treino militar? Assim o fizemos, porque o bandido armado não pode ser combatido com farinha nem com cabritos.

Preparação militar e armar o povo — foram estas as medidas tomadas em várias aldeias. A princípio não havia armas de fogo disponíveis; os milicianos usavam apenas flechas, arcos e azagaias.

Já morreram muitos bandidos neste distrito, apanhados em armadilhas feitas com paus aguçados, garante Vicente Manuense Chambane, Comandante Militar do distrito. Foi de facto uma «escola» interessante, como refere o administrador Sarande.

Depois dos bandidos terem queimado a aldeia de Chamhuho, nós reunimos a população e dissemos que se organizassem em milícias, mesmo empunhando armas tradicionais. Quando o inimigo voltou já fez menos estragos, porque também sofreu baixas. Demos, em seguida, algumas armas de repetição. O sucesso foi



Clara Bem: «Não há fome em Chambuhó».

ainda maior. Mais tarde, alguns já tinham armas automáticas, distribuídas pelas nossas estruturas ou capturadas aos bandidos armados.

Assim, quando foi superiormen- te dada a orientação de dar ar- mas ao povo na Província de Ma- nica tal já estava em prática. En- tretanto o Comando Militar criou o Centro Provincial de Prepara- ção Político-Militar, em Chimoio, onde a maior parte dos milicia- nos e outros habitantes dos dis- tritos foram receber preparação adequada, ou reciclagem consti- tuindo ou enquadrado às actuais forças territoriais.

Em Sussundenga, foi imple- mentado um esquema de auto- defesa a que chamam de «quar- tel-aldeia», que consiste em for- mar em cada agregado populacio- nal uma força capaz de reter o

inimigo até à chegada de reforços constituídos pelas forças territo- riais. Caso estas não consigam re- pelir o inimigo, o exército, que ocupa posições estratégicas, apoia- as com o fogo de canhões e ou- tras armas pesadas.

Assim por exemplo, em prin- cípios do corrente ano, um grupo de bandidos tentou atacar uma aldeia, entre os distritos de Chi- moio e de Sussundenga. Era uma força grande, bem armada, ata- cando em três direcções. Mas o inimigo não só teve de enfrentar o fogo das milícias, como de ou- tras forças vindas de duas posi- ções diferentes. Em menos de dez minutos o combate terminou e, segundo conta o comandante lo- cal, o inimigo dividiu-se em três grupos: o que mais baixas sofreu fugiu em direcção à montanha, o segundo, ainda armado, tomou o



rumo da fronteira, e o terceiro rendeu-se às forças armadas.

No dia seguinte, a população veio cantando à sede do distrito, agradecer a pronta resposta dada pelas nossas forças, recorda o Administrador.

O PIOR JÁ PASSOU

O período mais crítico em Sussundenga parece ter passado. Em 1980/81, praticamente não havia circulação nas estradas que ligam o distrito às localidades de Rotanda, Dombe, Muoha e, ainda, a Chimoio. Mas agora, diz Alberto Sarande, o momento é estimulante. As vias de comunicação estão reabertas e não temos conhecido acções inimigas, salvo de vez em quando alguma emboscada contra viaturas, fora da área do distrito quando o inimigo pretende roubar comida.

O Comandante Militar do Distrito, Vicente Manuense Chamba-

ne é mais cauteloso: **Dia após dia, a actividade inimiga está a reduzir-se** — declara.

Em Sussundenga, de facto, todos participam na defesa: Forças Armadas, milícias populares e a população. Na sede do distrito, por exemplo, funciona diariamente um Estado-Maior que integra um oficial das Forças Armadas, um da PPM e um quadro das forças de autodefesa. Este corpo coordena a resposta de todas as forças locais perante qualquer violação da tranquilidade por parte do inimigo.

Se o inimigo não se aproxima é porque sabe que nós, aqui, não dormimos, diz, orgulhoso o Comandante Vicente Manuense Chambane.

NÃO TEMOS FOME

Por outro lado, à medida que a tranquilidade se restabelece, a população reinicia a produção. Sussundenga, uma das regiões mais férteis da província, é o distrito que sempre teve o maior peso na produção agrícola. Milho, mapira, trigo, hortícolas, girassol e laranjas estão entre os produtos principais. Na campanha de 83/84 só o sector estatal produziu mais de 1300 toneladas de milho e o sector familiar já pode comercializar este ano mais milho que nos anteriores, ao mesmo tempo que colhia uma produção recorde de mapira.

Não admira que a população, apesar dos anos anteriores de agitação provocada pelas agressões dos bandidos armados, tenha já um aspecto saudável.

Nós temos o que comer. Eu própria possuo uma grande machamba de mandioca, outra de milho e de mapira. Tenho laranjas e batata-doce, diz Clara Bem, da aldeia comunal de Chamhuho.

Em Muoha, também os camponeses nos disseram:

Já temos a nossa cooperativa agrícola, onde semeámos arroz, milho, mapira, mandioca e hortícolas. Temos ainda planos de abrir pomares de tangerineiras e laranjeiras, para que os nossos filhos possam levar fruta quando vão à escola. Queremos que a próxima vez que nos visitarem, venham ver a nossa moagem a funcionar a energia hidroeléctrica.

Sussundenga é um exemplo na luta pela paz, em particular contra o banditismo armado. Como diz o Major-General Tobias Dai, Comandante Militar da Província de Manica e Segundo-Secretário Provincial do Partido Frelimo é o reflexo da situação que se vive já em algumas zonas anteriormente afectadas pelos bandidos armados, resultante da intensa actividade dos órgãos partidários e estatais junto das populações. O objectivo é que mais distritos sigam o exemplo. □



Cada vez mais trabalhadores recebem treino militar para defenderem as suas empresas, aldeias ou machambas